



DOM CASMURRO: DA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS AO CINEMA DE MOACYR GÓES

DOM CASMURRO: FROM MACHADO DE ASSIS' LITERATURE TO MOACYR GOES' CINEMA

Luciana Teixeira Gomes¹

RESUMO: Após cem anos de sua primeira publicação, a obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis ainda levanta polêmica quanto ao possível adultério de Capitu. Frente às inúmeras novas edições e a recente adaptação do livro em filme, pretende-se, neste artigo, abordar a relação dialógica entre a obra literária e o longa-metragem *Dom*, livremente inspirado no romance pelo diretor Moacyr Góes.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Dom Casmurro, Dialogismo, Dom.

ABSTRACT: After one hundred years of its first release, the Machado de Assis' work entitled "Dom Casmurro", still raises controversy around the possibility of Capitu's adultery. Due to innumerate new editions and the recent book's adaptation to a film, this article intends to deal with the dialogica connection between the literary work and the adapted film entitled "Dom", that was freely inspired in Machado de Assis' book by the film director Moacyr Goes.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie –
lucianatx@gmail.com



KEYWORDS: Machado de Assis, Dom Casmurro, Dialogism, Dom.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DOM CASMURRO

Se a questão do adultério de Capitu – houve ou não? – é tão discutida, é porque a questão está colocada pelo próprio texto e porque foi descoberta – e não inventada! – por um crítico literário, no caso Helen Caldwell.²

John Gledson, professor emérito de Literatura Brasileira na University of Liverpool. Especialista na obra de Machado de Assis.(Gledson, 1999, p. 60-63)

No ano de 1999, uma das obras de maior destaque de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, fez 100 anos de publicação. Nesse mesmo ano foi lançada uma nova coletânea de contos, um volume contendo suas traduções de autores como Dante Alighieri, Shakespeare e Lamartine, a obra de Alfredo Bosi sobre o autor de *Memórias Póstumas* e o livro com ensaios de José Guilherme Merquior, Luiz Costa Lima e Roberto Schwarz, entre outros, renovando a recepção crítica do maior escritor brasileiro.

João Alexandre Barbosa, em seu artigo “*Magias parciais de Dom Casmurro*”, ao comparar a obra com outras narrativas do autor, como *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, diz que “*Dom Casmurro* surge como momento único de recolhimento: das experiências com a técnica narrativa e, simultaneamente, da ficcionalização de tudo aquilo que, por falta de melhor nome, chama-se de realidade.” (Barbosa, 1999, p. 41-63) Nessa obra, a realidade é retratada através da vida de Bentinho, no Rio de Janeiro do segundo reinado (1840 – 1889) e conta sua trajetória desde a infância, adolescência, seminário, estudos até o casamento. Alinhado de *Dom Casmurro* desde pequeno, a narrativa é em primeira pessoa o que permite manter questões sem elucidação até o final, já que a história conta apenas com a perspectiva subjetiva de Bentinho.

O grande enigma da obra está na dúvida em relação ao adultério de Capitu, amiga de infância que tornara-se esposa, e seu melhor amigo do seminário Escobar. Não há nenhuma

² Helen Caldwell, crítica norte-americana, autora de três livros sobre Machado, considera *Dom Casmurro* o Othelo brasileiro.



cena que o comprove, porém Bentinho relata inúmeros enigmas, marcando “toda a obra pela desconfiança com que o leitor vai se enredando ou se desvencilhando das próprias interpretações oferecidas pelo narrador” (Barbosa, 1999, p. 41-63), inclusive a de que seu filho seria supostamente de Escobar, devido as semelhanças indiscutíveis com o amigo.

2 MOACYR GÓES

Moacyr Góes, diretor de cinema, nasceu em Natal, RN, em 23 de outubro. Antes de começar no cinema, trabalhava no teatro e tem como trabalho atual a adaptação para o cinema da peça teatral "Trair e Coçar, É Só Começar" que entrou em cartaz no Rio de Janeiro em 1986. Até hoje a peça é encenada, já tendo recebido mais de 5 milhões de espectadores.

A obra analisada, *Dom*, é o longa-metragem de estréia do diretor que, por sua adaptação livre da obra de Machado de Assis, recebeu o Prêmio de Melhor atriz para Maria Fernanda Cândido, no 31º Festival de Gramado, 2003, levou o ET de Ouro de Melhor Filme, além dos ETs de Prata de Melhor Ator, para Marcos Palmeira e Melhor Atriz, para Maria Fernanda Cândido, no 3º Festival de Cinema de Varginha, 2004.

3 DOM, O FILME

Eu, porém, ao contrário dos eruditos, não tenho hipótese. Capitu deu pra Escobar. O narrador da história, Bentinho/Machado, só não coloca até o DNA de seu (do Escobar, claro) filho porque ainda não havia DNA, que atualmente está acabando com o romance “policial” e a novela passional. Millôr Fernandes, 25 de janeiro de 2005, Revista Veja.

Bento, engenheiro industrial, em São Paulo, recebeu o nome em homenagem ao personagem do livro *Dom Casmurro*, pois os pais eram apreciadores de Machado de Assis. Justificou tantas vezes a razão da homenagem, que os amigos o apelidaram de *Dom*. Com essa alcunha, Bento cresceu com a idéia de que era o próprio personagem do livro e que estaria fadado a viver a mesma história. Apelidou sua amiga de infância, Ana, de Capitu. Bento e Ana separaram-se quando a família do menino mudou-se para São Paulo. Já adulto, Bento vinha freqüentemente ao Rio e numa dessas viagens reencontra Ana, a sua Capitu e dali renasce o romance da infância, só que, agora, avassalador.



No filme, Bento conhece a obra *Dom Casmurro* e revela ser colecionador de todas as edições do livro de Machado de Assis. Esse fato revela algo incomum neste tipo de adaptação da literatura para o cinema: a personagem já conhece sua história, conseqüentemente, o seu fim, e nas cenas iniciais do filme revela: “Eu nunca acreditei em destino, nunca imaginei que o nome que carrego podia ser uma sina.” Assim, Bento relaciona os acontecimentos de sua vida aos do livro. O filme possui o mesmo tema do livro de Machado, o ciúme, mas desta vez contextualizado na modernidade. Moacyr Góes retoma a questão da traição de Ana (Capitu) com seu melhor amigo Miguel (Escobar).

Valendo-se das novas tecnologias, Bento faz um teste de DNA para saber se o filho é seu ou de Miguel, mas após a morte de Ana, não tem coragem de abrir o resultado, decidindo cuidar da criança como seu filho, que para a personagem representa a presença e lembrança de sua falecida esposa.

4 DIALOGISMO ENTRE A OBRA LITERÁRIA DOM CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS E O FILME DOM DO DIRETOR MOACYR GÓES

Para Bakhtin todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso. (1988, p. 100-106)

É nesse contexto de vozes sociais e históricas que se constroem os textos analisados no presente trabalho, ou seja, ao adaptar livremente *Dom Casmurro*, o diretor Moacyr Góes tomou o tema da traição (que é sempre uma dúvida) e o contextualizou. A mesma problemática é contextualizada no tempo atual, no século XXI.

Destaca, ainda, Bakhtin, a variação e a paródia como formas de trabalhar o material lingüístico. Caracteriza a variação como o procedimento que “introduz livremente um material de outrem nos temas contemporâneos (...), põe à prova a língua estilizada, colocando-a em situações novas e impossíveis para ela”. (Bakhtin, 1988, p.159) A título de organização textual, vale ressaltar a mudança dos nomes das personagens principais do livro em relação ao filme:

<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom</i>
Bentinho (seminarista / Advogado)	Bento (engenheiro industrial)



Capitolina / Capitu (dona de casa)	Ana / Capitu (atriz e dançarina)
Escobar	Miguel (produtor de cinema)
Ezequiel (arqueólogo)	Joaquim (apenas uma criança)

Os dois textos apresentam a personagem principal, Bentinho e Bento, como narradores personagens de suas histórias. Em *Dom Casmurro*, Bentinho, em nenhum momento, permite que o leitor tenha acesso a outro ponto de vista que não o que está sendo apresentado, porém esse recurso permite que o leitor tire suas conclusões no final do texto, pois não confirma o suposto adultério de Capitu. Por exemplo, Bentinho narra o velório de Escobar, tecendo comentários a respeito de Capitu, comparando sua reação à da viúva: “Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (Assis, 1997, cap. 123, p. 217). O narrador não permite que o leitor tenha acesso aos reais sentimentos de Capitu. Faz isso ao negar voz à personagem. Em nenhum momento apresenta a versão da esposa, deixando pistas de que seu olhar era apaixonado, a fim de incutir no leitor a dúvida sobre o relacionamento que poderia ter com o finado.

Em *Dom*, Bento também apresenta sua versão da história, negando voz à personagem de Ana, mas por ser um filme, o espectador conta com o visual para ter acesso a outros pontos de vista. Por exemplo, as cenas em que Bento questiona a fidelidade de Ana, revelam a mesma atitude de Bentinho, pois não permite que a esposa se explique. O mesmo acontece nas cenas em que questiona a paternidade de Joaquim. Apesar dos apelos da personagem, Bento não lhe dá voz, negando ao leitor saber a versão de Ana. Nesse texto, o espectador conta apenas com o fator visual como contraponto às colocações de Bento. Por exemplo, quando Bento vai até o Rio de Janeiro, no set de filmagens para buscar a esposa, vê Miguel mexendo nos cabelos de Ana. Do ponto de vista de Bento, parecia estarem se beijando, porém a câmera mostra a cena de outro ângulo e o espectador vê que o amigo tirava o cabelo de seu rosto.

A história de *Dom Casmurro* passa-se na época do segundo reinado (1840 – 1889), trazendo à tona um conjunto de maneiras e costumes relacionados a esse momento. Segundo Bakhtin, o diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que



morre, vive, nasce; aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas. (1988, p.161)

Dentro do contexto histórico e religioso de *Dom Casmurro*, era comum que os pais, diante de uma doença grave de um filho, fizessem promessas para os santos, barganhando a cura em troca da devoção de um de seus rebentos. É o que acontece com a principal personagem do livro, Bentinho, que foi prometido como padre em troca de sua saúde.

Bentinho, filho de um já falecido fazendeiro e deputado, vivia com sua mãe, D. Glória, no Rio de Janeiro, e trazia em seu espírito todo o ensinamento religioso da época. Sabendo que deveria cumprir o prometido, entra para o seminário. Apesar de não desejar esse fim, Bentinho obedece aos pais, demonstrando uma atitude dependente e submissa. Depois de ser substituído na promessa, torna-se advogado.

Em *Dom*, Bento, principal personagem, mora sozinho e é engenheiro industrial na cidade de São Paulo. Como a história passa-se no século XXI, vemos aí um descolamento de tempo e espaço. Na infância, Bento morava no Rio de Janeiro, porém muda-se para São Paulo, considerada a capital da indústria do país. É noivo de sua secretária, Heloísa, mas rompe o relacionamento assim que reencontra Ana. Esse relacionamento com Heloísa constitui um acréscimo de personagem em relação ao livro. A participação dos pais de Bento nas escolhas de sua vida e sua relação com eles é suprimida, sendo que sua existência é comentada somente no dia em que volta do Rio de Janeiro, já casado com Ana, quando a jovem comenta que os pais de Bento ficarão chateados quando souberem que se casaram escondidos. Ele a repreende dizendo que não se casaram escondidos, mas que apenas não agüentava esperar para ficar junto dela, fato que demonstra sua independência. Também são suprimidos o tio Cosme e o agregado José Dias, que tinham papel importante na formação de Bentinho.

O uso de acréscimos, deslocamentos e supressões no filme confere maior dinamicidade para a história que está sendo adaptada. Utilizando esses recursos, o diretor Moacyr Góes permitiu que o espectador se identificasse com o contexto histórico do século presente e, conseqüentemente, com as personagens. Sant'Anna (1997, p.45) afirma que tirado de sua normalidade, o objeto é colocado numa situação diferente e que há uma ruptura com o cotidiano usando os próprios elementos do cotidiano. Nos textos analisados esse deslocamento é aparente nas profissões das personagens masculinas.



Ambos são formados no ensino superior, porém, Bentinho é advogado e Bento, engenheiro industrial. A escolha das profissões reflete o momento histórico retratado, marcando o deslocamento de época.

No romance, a profissão da personagem acompanha a consolidação do Estado brasileiro, pois os acontecimentos de sua vida antecedem a Proclamação da República. Nessa época, realizou-se um processo de modernização da estrutura administrativa e de implementação de uma política econômica, na qual as reformas jurídicas e institucionais ganharam destaque. A escolha da profissão de Bentinho relaciona-se diretamente com esse contexto. Da mesma forma, no filme, o contexto profissional de Bento, engenheiro, retrata o século do avanço nas áreas da ciência e tecnologia. Época em que as linhas de montagem e produção em massa de diversos produtos substituíram a produção manufaturada.

Já Escobar, melhor amigo de Bentinho, depois de sair do seminário começa a “negociar em café”, casando-se com Sancha, amiga de Capitu e tendo uma filha com ela. Miguel, personagem que substitui Escobar no filme, é produtor de cinema, solteiro e tem uma assistente, Daniela (a representação de Sancha), que o acompanha em todos os compromissos, inclusive particulares.

No capítulo 104 de *Dom Casmurro*, intitulado “As Pirâmides”, Bentinho comenta que Escobar teve uma aventura amorosa, “negócio de teatro, não sei que atriz ou bailarina”. (Assis, 1997, p. 187) O diretor Moacyr Góes, ao conceder o título de bailarina e atriz à personagem Ana, cria uma inversão que planta a dúvida nos espectadores. Se a personagem tem a mesma atividade que a amante de Escobar, conseqüentemente, pode assumir o mesmo caráter duvidoso e libertino.

No que diz respeito à Capitolina e Ana, as duas possuem em comum o apelido de “Capitu”, dado pelos amigos Bentinho e Bento durante a infância. Enquanto Capitolina mora com os pais e irmãos e é dona de casa, Ana é órfã, mora sozinha e possui um relacionamento amoroso com Renato, o que constitui um acréscimo de personagem em relação ao romance. Ela rompe o relacionamento após o reencontro com Bento.

O diretor Moacyr Góes insere em sua obra o discurso de Machado de Assis ao manter em Ana aspectos físicos e traços de personalidade fundamentais da personagem do romance, Capitolina. Quanto a essa presença do discurso de outro, Fiorin (1997, p. 229-230) afirma que existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o



enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.

Uma dessas particularidades mantidas pelo diretor é o olhar de Ana, que assim como o de Capitolina, é caracterizado como olhos de ressaca, “uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia(...)” (Assis, 1997, p.70). Capitolina/Capitu é a alcunha da deusa romana Vênus, que foi apelidada de Capitolina graças a uma estátua erguida em sua homenagem no Capitólio. Uma das divindades mais veneradas entre os antigos, sobretudo na cidade de Pafos, onde seu templo era admirável. Vênus tinha um olhar vago e cultuava-se o zangado dos seus olhos como ideal da beleza feminina. O apelido comum que as personagens femininas carregam relaciona-se diretamente a essas características da deusa romana.

No filme, na cena do reencontro, Bento reproduz as palavras de Bentinho, contidas no capítulo 32 do romance (Assis, 1997, p. 71), para explicar o efeito do olhar da amiga de infância: “Os olhos de Ana. O que foram aqueles olhos? O que fizeram de mim? Olhos de ressaca que me arrebatavam. Para não ser arrastado eu tentava me segurar nas partes vizinhas: as olheiras, a boca, os cabelos, mas não podia resistir e voltava aos olhos de Ana. Capitu.”

Segundo Fiorin (1997, p.232), todo enunciado de um discurso constitui-se em relação polêmica com o outro, o que quer dizer que rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro no espaço discursivo. Apesar de o tema comum aos textos ser o ciúme, a visão de mundo das personagens no prototexto e hipertexto gira em torno de idéias diferentes. Essa diferente visão define o destino dos filhos das personagens Bentinho e Bento.

O conflito de Bentinho gira em torno do fato de o filho Ezequiel ser parecido com o amigo Escobar: “Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo.” (Assis, 1997, p.227) o que, segundo a personagem é prova irrefutável da traição de Capitu. Posto o conflito, Machado parece querer disfarçar ou atenuar, pelo humor implícito, a importância e a gravidade do assunto que está em curso. Ele não confirma o adultério, mas lança pistas para o leitor, ao mostrar o lado terrível, patético e real do casamento, do amor e da vida.

No romance, Capitu e Ezequiel viajam para a Suíça e, após a morte da mãe, o garoto retorna ao Rio de Janeiro para rever Bentinho. Este, ao ver o filho, não resiste à comparação “(...) era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de S. José (...)” (Assis, 1997, p.245). Bentinho financia suas viagens e pesquisas como arqueólogo e onze



meses depois recebe a notícia de que Ezequiel morrera de febre tifóide. Após o sepultamento a personagem deixa claro seu sentimento em relação ao filho “(...) pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.” (Assis, 1997, p. 248).

O conflito de Bento repousa sobre o amor avassalador que sente por Ana, a ponto de não caber ali amor por mais ninguém, nem pelo filho. Durante o filme, o espectador não encontra semelhança física entre a criança e o melhor amigo de Bento. Sua dificuldade em compartilhar o amor e aceitar que a esposa ame o filho e tenha relacionamentos de amizade o atormenta e o transforma, desencadeando o sentimento de ciúme que provoca a impressão de que a esposa estaria tendo um caso com o amigo e que o filho não lhe pertencia. A independência de Ana incomoda a Bento que não permite que a esposa vá trabalhar fora. Na cena em que Ana é convidada para estrelar um filme de Miguel, Bento não aceita a proposta e alega ao amigo que ela deve cuidar do filho Joaquim. Nesse momento, Moacyr Góes retrata a personalidade conservadora e retrógrada da personagem Bento.

No filme de Góes, o menino Joaquim tem um destino diferente em relação ao filho do casal apresentado no romance. Ana morre num acidente de carro e o filho sobrevive, ficando aos cuidados de Bento, que diz ser “a presença da ausência da mãe”.

Para Bakhtin, o autor é a consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que o seu herói. Temos aí um excedente de saber, e um primeiro pressuposto da visão de mundo bakhtiniana, um princípio básico: a exotopia, que podemos simplificar definindo-a como o fato de que só um outro pode nos dar acabamento, assim como só nós podemos dar acabamento a um outro. Cada um de nós, daqui onde estamos, temos sempre apenas um horizonte; estamos na fronteira do mundo que vivemos – e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar. (Tezza 1997, apud Bakhtin, 1992, p. 220)

Observa-se que a adaptação livre da obra feita pelo diretor Moacyr Góes preservou o princípio básico da dúvida na questão sobre a traição ou não de Capitu e permite que o leitor/espectador fique livre para tirar suas conclusões, através do desencadeamento de exotopias. Machado de Assis ao deixar uma questão em aberto no final de sua obra permite que um mesmo leitor retome o livro e tire diferentes conclusões a cada vez que o relê. Somente o autor-criador do romance é capaz de responder a dúvida sobre o adultério ou não



de Capitu. Ninguém é capaz de dar acabamento a *Dom Casmurro* se não o seu criador, Machado de Assis.

BIBLIOGRAFIA

Livros Consultados

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Klick Editora para o jornal O Estado de São Paulo, Maio de 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 100 – 106 e 159 - 161.

FIORIN, José Luiz. **O romance e a simulação do funcionamento real do discurso, em Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Beth Brait (org) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, B179.

TEZZA, Cristóvão. **A construção das vozes no romance, em Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Beth Brait (org) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, B179.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 2ª. Ed. 1985. Editora Ática, **Artigos em Revista**

Barbosa, João Alexandre. Magias parciais de Dom Casmurro. **Revista Cult** - Revista Brasileira de Literatura. N.º 24 — Ano II, Julho/1999. Pág. 60-63.

Fernandes, Millôr. Revista Veja – 25 de janeiro de 2005.

Filme

DOM. Moacyr Góes. Rio de Janeiro. 2003

Sites

Site de dicionários on line - <http://www.dicionarios-online.com>, disponível em 15/10/2006

Site de significados de nomes - http://nomes.netsaber.com.br/ver_nome.php?c=1439, disponível em 20/10/2006

Site de enciclopédia virtual - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Otelo>, disponível em 20/10/2006